

O corpo padecente como a linguagem da doação¹

Davi C. Ribeiro Lin²

Resumo: Na perspectiva cristã, o corpo é não só imanência condenada à morte, porque finito, mas chamado a ser um corpo “entregue”, entregue pelos demais. Os corpos, portanto, não têm somente um destino trágico, mas são relacionais, eucarísticos, por isso mesmo, são prometidos à ressurreição. O padecimento lhe é constitutivo, mas ressignificado à luz da fé, torna-se lugar de revelação.

Palavras-chave: Corpo entregue, Padecimento, Finitude, Ressurreição.

Abstract: From the Christian perspective, the body is not only immanence condemned to death, because it is finite, but called to be a “given” body, given by others. The bodies, therefore, do not have only a tragic destiny, but are relational, Eucharistic, for this reason they are promised to the resurrection. Suffering is constitutive to it, but in the light of faith, it becomes a place of revelation.

Keywords: Body delivered, Suffering, Finitude, Resurrection.

INTRODUÇÃO

No centro da fé cristã habita um anúncio sobre a centralidade de um corpo padecente e vulnerável. Se por um lado, a igreja primitiva comunicou ao mundo antigo a novidade da declaração da ressurreição de um corpo, por outro, ela anuncia o caráter salvífico de um corpo padecente: “este é o meu corpo (padecente) entregue como dádiva em favor de vocês”. O corpo humano, que sofre diante da sua limitação e vulnerabilidade, constitui-se paradoxalmente no próprio lugar de entrega, de fazer-se dádiva que redime a existência. Para além de uma visão excludente que enxerga somente a dor, os dois eixos, padecimento e doação, são vinculados e reconstruídos em seu sentido complementar. O corpo padecente e o corpo como dom habitam juntos uma integração no anúncio eucarístico da fé cristã: este é o meu corpo partido, ferido, esmagado, entregue como um presente em favor de vocês. O corpo padecente, limitado, constitui-se em comunicação, uma linguagem da doação.

O corpo para a teologia, portanto, reconstitui-se como domicílio da revelação, e torna-se dignificado pela encarnação do Cristo. Se para a biologia, o corpo é explicado através de

1 Texto da fala do autor no Ciclo de Debates Interfaces – Entre a vida e a morte, organizado pelo Grupo de Pesquisa As interfaces da antropologia na teologia contemporânea, no dia 27/10/2020. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=zw9NIFtsk9o&feature=youtu.be>

2 Psicólogo, doutor em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

mecanismos biológicos, dotado de estruturas fisiológicas, na perspectiva teológica, ele remete à vinculação com a revelação de um Deus que deseja tornar-se carne. A presença do divino manifesta-se como dádiva em um corpo vulnerável. Poderia um corpo efêmero e circunscrito carregar um dom eterno, manifestar a própria presença do Criador encarnada em um corpo humano? Como aponta Rubem Alves, uma presença corporal revela o mistério doador da encarnação: “neste corpo tão pequeno, tão efêmero, vive um universo inteiro, e, se ele pudesse, bem que daria a sua vida pela vida do mundo. No nosso corpo se revela o desejo de Deus. Afinal de contas, o que nos segreda a doutrina da encarnação é que Deus, eternamente, quis ter um corpo como o nosso” (ALVES, 1984, p.3).

1 A DÁDIVA DO CORPO PADECENTE

O corpo humano é um lugar de opostos aparentemente contraditórios. Ele manifesta a partilha, a fecundidade, a auto doação e, ao mesmo tempo, a contradição da mudança, da finitude e da morte. Tom Jobim, em sua música “Sei Lá”, manifesta artisticamente a dramaticidade da existência:

Tem dias que eu fico pensando na vida
E sinceramente não vejo saída.
Como é, por exemplo, que dá pra entender:
A gente mal nasce, começa a morrer (Tom Jobim).

“A gente mal nasce e começa a morrer”: a poesia expressa a dramaticidade da incoerência manifesta no corpo. Como pode uma pequena vida, que ilumina a todos e aponta para a fecundidade e um futuro, já se constituir em um ser que caminha em direção à inexistência? Em um sentido auto evidente, o corpo que será aniquilado é indício de vindouro padecimento e não necessariamente vincula-se a um caminho de doação. Diante do sofrimento, parte da tarefa cristã não é somente anunciar a vitória sobre a morte, mas acompanhar a humanidade em sua dor de reconhecer-se padecente. Uma fé de respostas prontas e rápidas arrisca-se em não acompanhar um percurso existencial de sofrimento. Nega a sua própria mensagem de habitar a dor alheia. Trai o exemplo de seu próprio Senhor, que andou com gente oprimida na periferia do Império Romano e com os discípulos enlutados no caminho de Emaús.

A literatura sapiencial Bíblica aponta para uma fé que intencionalmente vincula-se à dor, como no texto bíblico de Eclesiastes 7,2, “é melhor ir a uma casa onde há luto do que a uma casa em festa, pois a morte é o destino de todos”. Onde há luto existe reflexão e consciência de finitude. Na casa do pranto há um movimento de tornar-se cômico de sua destinação mortal que possibilita a estimativa da vida em sua finitude. A casa do luto nos ajuda a relembrar do limite, coloca-nos novamente diante da consciência que somos criaturas mortais.

Habita-se, porém, distraidamente, na casa da festa e não na do luto. Na casa onde há festa há desatenção e pouca conexão com nossa humanidade vulnerável. É revelador que,

quando alguém recebe um prognóstico pouco favorável, inesperadamente e repentinamente tenha que reordenar suas prioridades. Diz-se: “eu queria fazer isso, que pena que não fiz antes”. Mas já não sabíamos que cada um de nós é finito? Diante do limite, desde o nascimento sou convocado à atenção responsiva na busca de reordenar a vida em direção ao essencial. Não seria melhor se esta reorientação fosse feita sem sobressaltos? Ernest Becker, em sua obra *The Denial of Death*, aponta como os mecanismos inconscientes de negação da morte e do afastamento da mortalidade restringem um movimento saudável em direção à casa do luto. Resiste-se em reconhecer a experiência de finitude. Este movimento de negação se aprofundou na contemporaneidade, na complexa relação com a tecnologia e na desvalorização do envelhecimento. Em uma sociedade de positivos avanços científicos, que prolongaram os anos de vida, corre-se o risco de dispendir uma enormidade de recursos para não se conectar com a finitude ou para proteger uma imagem idealizada autocentrada.

Superficialmente, a vulnerabilidade aparenta-se a um problema a ser superado; porém, como um presente escondido a ser revelado, constitui-se dádiva. Quando alguém acolhe a vulnerabilidade, reconhece-se que a vida não está programada, mas está aberta, carrega um indício de uma espera. Reconhecer o limite é um conforto. Restaurar a dimensão da mortalidade, reconfigura a estima da vida e a relação do tempo, que se torna como um presente: “que toda a humanidade é como a relva que murcha e cai, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre” (Is 40,6-8). Para alguém entender a palavra eterna, é necessário reconhecer-se como a relva que murcha. Em outras letras, acolher a fraqueza é a possibilidade de saltar a uma dimensão mais profunda e escondida do dom. Os salmos abundam neste processo de render ao Criador a primazia da existência. À humanidade, cabe haver-se com a limitada condição de criatura, que recebe a vida nova exatamente porque está disposta a acolher a vulnerabilidade: toda perfeição tem seu limite, mas a sua palavra é ilimitada (Sl 119,96). Ao cristão cabe a identificação com a experiência humana do próprio Cristo, que reconhece a limitação do corpo e convida a acolher o seu sacrifício como dom.

As consequências de um corpo padecente que se revela como dádiva são incontáveis. Não importa o quão deformado seja o corpo humano, quão deficiente torna-se sua aparência. Se Deus escolhe habitar nessa morada, o corpo humano em sua debilidade é dignificado. O corpo torna-se caminho, direção à relação, motor de vinculação. O corpo torna-se lugar de habitação de um outro e disponibilidade ao Criador e ao serviço à terra. Como tal, o corpo, expressa a comunicação da doação. Quando alguém tem um corpo vulnerável acolhido, um corpo padecente é um convite a manter a tensão viva para a relação. A atenção viva pra relação, em um mundo que nos coloca para fora dela, torna-se um caminho de ligação responsivo e humanizador e marca a experiência da linguagem de doação.

Corpos são longos como histórias e constituem-se, em “emaranhados de linguagem” (José Tolentino Mendonça), são tecido de narratividade. Tecido da narração de um ser humano que nasce, cresce, morre. O corpo padecente carrega as marcas de uma história. Uma mãe que acorda no meio da noite, adquire olheiras por não dormir bem, mas constitui-se gesto, uma linguagem de um cuidado com o filho. Um corpo que vai se envelhecendo carrega

as marcas, a comunicação da história de seus relacionamentos. Portanto, não deve ser visto somente como negatividade, mas como sinal que aponta para uma vinculação. Um corpo marcado carrega a experiência de acolher e de doar-se, e uma história carrega a marca do sacrifício de doação. Corpo, portanto, não é a matéria neutra que ocupa um espaço, mas é experiência de doação, habitação, “templo”, hospedagem e expressão da hospitalidade (1Cor 6,19). Em uma perspectiva agostiniana, o corpo carrega o peso do amor: “meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado. Teu dom nos inflama e nos leva para o alto; nós nos inflamamos e nos movemos.” (Santo Agostinho, Confissões 13.9.10).

CONCLUSÃO

Consequiremos reconhecer a radicalidade da proposta cristã, na simples expressão, “este é o meu corpo entregue em favor de vocês?” É no corpo que carregamos as marcas da história do sacrifício em nome do amor. Emerge uma antropologia relacional que subverte o corpo autoafirmado e aponta para a pessoa humana como lugar, morada, habitação, expressando esta existência entregue.

A fé cristã vê o corpo como diretamente associado à abertura ao dom, visto que o corpo não só como lugar de padecimento, mas de doação e revelação. Os dois sentidos, dor e dom, se unem através da linguagem, na palavra se faz carne/corpo. Tomados conjuntamente, o corpo padecente e o corpo como dádiva são tecido narrativo que faz do padecimento uma possibilidade de encontrar o dom. O caminho é a integração, um equilíbrio criativo entre padecimento e dádiva. Este percurso de reconstrução de sentido do sofrimento só acontece na companhia de uma profunda companhia humana que acolha o padecimento. Quem sabe-se humano, limitado, pode se identificar, pode ter o mesmo sentir – e o Cristo encarnou, sofrendo como homem a dor. E neste sofrimento compartilhado, o caminho que emerge é a possibilidade de ultrapassar a dor, é partilha, entrega, esperança.

No centro da fé está a linguagem da doação que não se submete ao trágico. “Este é o meu corpo – entregue em favor de vocês”. Se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto (Jo 12,24). Aquele que considera o padecimento indigno diminui a compreensão não somente do Cristo, mas do caráter do Deus Trino e da natureza amorosa do Criador: a divina comunhão das pessoas em eterna doação mútua, de forma redentora. Ultrapassados por uma radical esperança, o corpo humano é destinado à ressurreição. Corpos padecentes carregam a marca de uma radical esperança: quem traz no corpo essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida!

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo*. Meditações. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1984.

BECKER, Ernest. *The Denial of Death*. New York: Free Press, 1974.

DE MORI, Geraldo, BUARQUE, Virgínia (org). *Corpo-Encarnação*. São Paulo: Loyola, 2017.